



O CORPO E A AÇÃO SOCIAL DE BEBÊS NA CRECHE¹

Angela Maria Scalabrin Coutinho²

RESUMO

Este artigo tem como tema a ação social dos bebês no contexto da creche, parte da ideia de que o corpo é uma categoria central nessa ação e situa-se na interlocução entre duas principais áreas: a educação infantil e a sociologia da infância. Para investigar a ação social na creche, optou-se pelo desenvolvimento de um estudo etnográfico junto a um grupo de bebês e profissionais que com eles atuavam em uma creche em Braga – Portugal. A recolha de dados ocorreu mediante observações participantes com registros em diário de campo e vídeo, o que permitiu uma aproximação bastante profícua às experiências cotidianas das crianças. Neste artigo optou-se por discutir a ideia de ação social aprofundando as análises a partir do corpo, entendido como componente da ação social.

Palavras-Chave: Pedagogia da Infância – Sociologia da Infância – Bebês - Ação Social – Corpo

THE BODY AND THE SOCIAL ACTION OF BABIES IN THE NURSERY

ABSTRACT

This article has as its subject the social action of babies in the context of the nursery. It is based on the idea that the body is a central category in this action and is placed at the interaction between two main areas: the children's education and the Sociology of Childhood. To investigate the social action in the nursery, it was chosen the development of an ethnographic study among a group of babies and the professionals that attended them in a nursery in Braga-Portugal. The gathering of data was made by participating observations recorded on a field diary and on video, which allowed a very fruitful approach to the children's everyday experiences. In this article the choice is to discuss the idea of social action by deepening the analysis from the body, understood as a component of social action.

Keywords: Pedagogy of Childhood – Sociology of Childhood – Babies - Social Action – Body

¹ Este artigo é decorrente da tese de doutorado da autora, intitulada: “A ação social dos bebês: um estudo etnográfico no contexto da creche” de 2010 e é uma versão modificada da comunicação apresentada no II GRUPECI. A investigação que dá base a esse artigo foi desenvolvida com o apoio do Programa Alβan, Programa de bolsas de alto nível da União Europeia para América Latina, bolsa nº E07D402806BR.

² Doutora em Estudos da Criança - Sociologia da Infância pela Universidade do Minho. Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância – NUPEIN, da Universidade Federal de Santa Catarina. Contato: Rua Celso Bayma 135, apto 201, Jardim Atlântico – Florianópolis – SC. CEP: 88095-750. Endereço eletrônico: gi_scalabrin@hotmail.com



1 INTRODUÇÃO

Este artigo foca uma das categorias constituidoras da ação social dos bebês: o corpo. Essa delimitação parte de um estudo de doutorado sobre a ação social dos bebês no contexto da creche e situa-se na interlocução entre duas principais áreas: a educação infantil e a sociologia da infância. A escolha por um estudo interdisciplinar partiu da compreensão que o estudo da infância exige, pela complexidade do objeto, a articulação de conhecimentos advindos de diferentes áreas, que convergem, complementam-se e alargam as possibilidades de compreensão da infância.

A escolha da creche como contexto de investigação decorre, não só, do fato da autora ter a educação como área de referência na formação e na atuação profissional, mas também pela compreensão de que este é um lugar privilegiado para se estudar temas relativos às crianças, dado o fato de que é um dos poucos espaços em que encontramos várias crianças em interação e, sobretudo, por ser uma instituição em expansão e que tem uma função social inegável na vida das famílias que possuem filhos e/ou filhas. Desenvolver estudos em instituições de educação infantil, no sentido de, cada vez mais, qualificá-las coloca-se então como uma tarefa irrevogável.

Ainda que a educação seja o ponto de partida e em certa medida o de chegada, a interlocução, ao longo de todo o percurso de investigação, com a sociologia e mais especificamente com a sociologia da infância permitiu a ampliação das análises e a sua complexificação, tendo em vista que a análise sociológica de fenômenos, até então estudados quase que exclusivamente pelo viés psicológico, revelaram a competência social de bebês para agir socialmente na relação com seus pares.

Constitui o estudo uma etnografia desenvolvida durante 14 meses em um grupo de bebês de uma creche na cidade de Braga, norte de Portugal, no qual mediante observações participantes com registros em diário de campo e vídeo ocorreu uma aproximação bastante profícua às experiências cotidianas das crianças.

Tendo como foco principal a relação social entre os bebês, buscamos compreender como estruturam suas ações sociais nas relações cotidianas com outras crianças no contexto da creche. Nesse quadro de análise elementos como as escolhas relacionais, o corpo e o gênero revelaram-se como importantes demarcadores das lógicas de ação que revestem as experiências das crianças bem pequenas no contexto especificamente estudado. Nesse

espaço de debate, optamos por discutir a ideia de ação social e participação aprofundando as análises a partir do corpo, entendido aqui, como propõe Goffman, como componente da ação social e na nossa compreensão um componente central quando situamos a ação social na infância.

2 O CORPO COMO COMPONENTE DA AÇÃO SOCIAL

O corpo aparece como uma dimensão central na ação das crianças, sendo a ação social entendida como “uma ação que, quanto a seu sentido visado pelo agente ou os agentes, se refere ao comportamento de outros, orientando-se por este em seu curso” (WEBER, [1921] 1991, p. 3).

Situar a dimensão corporal no conhecimento da ação, permite-nos problematizar a relação social – natural (PROUT, 2000), já que a abordagem do corpo na infância tende a ser remetida para uma análise biológica e não sociológica³. No caso dos estudos com bebês essa divisão entre biológico e social tem uma forte presença, ou seja, aos a tendência a atribuir às competências dos bebês apenas dimensões biológicas é recorrente. Gérard Neyrand (2005) afirma que com a emergência das ciências humanas na virada do século XX houve uma mudança significativa nessa relação entre o biológico e o social. Ele indica que um dos expoentes dessa mudança foi Freud que rompe com a ideia de bebê como “tubo digestivo” e da criança como anjo assexuado que toda uma tradição mistificou (p. 13).

No campo da sociologia da infância assistimos a emergência de uma abordagem que não desconsidera o biológico, embora Prout (2000) reconheça que a demasiada ênfase na dimensão social por vezes promoveu a ideia da desconsideração do biológico. Em texto recente Prout (2008) faz uma análise do percurso dos estudos da infância através da relação natureza e cultura e situa que o estudo da infância na sua vertente moderna teve início nas tentativas de Darwin em entender o desenvolvimento da criança, na constituição do que conhecemos como biologia evolucionista. Essa abordagem, segundo o autor, teve seu espaço de duração de 1880 até a segunda década do século XX, sendo que na sequência as

³ O corpo como unidade é dotado de uma materialidade biológica que não pode ser negada nas análises sociológicas. Turner (1996) chama a atenção para o movimento de rejeição do biologismo que acompanhou o desenvolvimento da sociologia moderna no século XIX e diz que essa rejeição do determinismo biológico a favor do determinismo sociológico implicou a exclusão do corpo da imaginação sociológica.

áreas que revezaram-se nos estudos da infância foram a medicina, a psicologia e a sociologia, tendo contribuições fundamentais de áreas como a antropologia e a história.

De modo geral, o autor situa três grandes movimentos no sentido da construção do quadro teórico dos estudos da infância: inicia com o estudo da criança com Darwin; a criação da pediatria e a sua relação com a psicologia do desenvolvimento e por fim o desenvolvimento do construtivismo social da infância. O autor refere a soberania de uma outra dimensão – cultural - natural – em determinados momentos históricos e abordagens, mas defende que hoje o estudo da infância emerge como uma área inter e multidisciplinar, tendo a difícil tarefa de congregar as diferentes áreas do conhecimento como um todo coerente (Prout, 2008, p. 21).

Essa consciência revelada por Prout (2008) nos traz o desafio de pensar a dimensão natural - cultural situada na constituição da nossa humanidade, as crianças, assim como os adultos, são seres sociais e naturais, portanto ainda que tenhamos como perspectiva de análise o corpo enquanto dado sociológico, não podemos deixar de considerá-lo na sua relação com diferentes artefatos naturais e do lugar que ocupa na esfera das relações sociais (PROUT, 2000, 2008).

Quanto ao lugar que o corpo ocupa, o entendemos como componente da ação social (GOFFMAN, 1982), a medida que observamos que as relações e a significação da ação do outro passa pela comunicação corporal. Por isso ainda que compreendêssemos o corpo como fulcral à discussão da ação social e da participação das crianças no contexto da creche, aproximamo-nos do tema de modo atento e cuidadoso, já que objetivávamos abordar o corpo em sua inteireza, considerando sua materialidade e, portanto, sua dimensão biológica, mas enfatizando e dando visibilidade, sobretudo, a sua dimensão sociocultural, compreendo o corpo enquanto “experiência”, que se constitui mediante atividades contínuas e pela (inter)ação (CHRISTENSEN, 2000, P. 55).

2.1 O CORPO E A AÇÃO SOCIAL NA CRECHE

O corpo é um corpo que fala, que comunica a todo o momento, que convoca o outro para uma determinada ação. É um corpo que desloca-se, que aquieta-se, que abaixa-se, deita-se, que busca determinados objetos. É um corpo comunicante, um corpo brincante, um corpo pulsante. Para as crianças de modo geral a dimensão corporal ocupa um lugar

bastante importante, o corpo não “é” apenas um dado biológico, mas ele “está” em constante comunicação e relação com o mundo social, algo que observei durante todo o tempo de permanência em contato com as crianças na creche.

Nos cabe ainda indicar que as ideias em torno da conformidade dos corpos como consequência da relação ação-estrutura merecerá de nossa parte uma análise cuidadosa, isso porque, parece-nos que nesse momento da vida – infância - o ser humano ainda é capaz de dar um lugar à dimensão corporal que ao longo do seu desenvolvimento lhe vai sendo retirado, ou seja, seus modos de ser e estar no mundo ainda não parecem tão conformados pela estrutura e a sua capacidade de ação é bastante reveladora desta experiência. Consideremos um episódio referente a uma situação de alimentação na creche para iniciarmos a problematização de tal questão:

Luísa e Catarina comem a sobremesa. Catarina pega os pedaços de gelatina com a mão, coloca sobre a colher e leva até a boca. Inês bebe a água, ela molha as mãos dentro da caneca, olha para a câmara, sorri e movimenta a cabeça. A auxiliar ajuda a Mariana a terminar a comida, ela lhe dá colheradas cheias de arroz. Catarina termina e diz: “mais”, Luísa faz o mesmo. Inês espreita o prato de Luísa. Anita empurra o prato com a sobremesa para frente e diz: “não quero!”. Inês molha os dedos na água e os coloca na boca. A auxiliar aproxima-se e tenta dar à Inês a sobremesa, ela põe a mão na frente do rosto e afasta o corpo, a auxiliar insiste e diz: “só provar” e coloca uma colherada com gelatina na sua boca, a menina tem uma ânsia, devolve o que tem na boca e chora. A auxiliar passa a mão no seu cabelo, lhe dá um beijo e diz que não faz mais, era só para provar mesmo e pede desculpas. Luísa come a sobremesa muito rapidamente e pede mais. Luísa sai da cadeira, a Inês também. Inês diz algo como: “tata, tata” e bate na mesa. Ela olha para Catarina e depois aproxima-se da Maria e aponta para ela falando as mesmas sílabas, parece estar incomodada com o barulho que as meninas fazem batendo a colher no prato. As meninas param de bater e ela sorri, em seguida pega uma fruta que a auxiliar lhe oferece [...].
(Registo em vídeo, 19/05/2009)

Essa cena revela uma série de ações engendradas mediante o corpo no sentido de agir e comunicar posicionamentos e escolhas das crianças. Algumas passagens nos revelam o quanto a observação e a reprodução da ação do outro - que se constitui em uma nova ação - está presente nas experiências das crianças. Este movimento faz-se visível quando, por exemplo, Catarina pede mais sobremesa e é seguida por Luísa e quando Luísa sai da mesa e Inês a acompanha.

Mauss aborda o corpo a partir do estudo das técnicas corporais identificadas pelo autor como “as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos” (1974, p. 211). Para Mauss a arte de utilizar o corpo é marcada pela educação e chama a atenção para a dimensão da imitação, embora indique que as crianças experienciem o imitar de modos diferenciados, mas que todas vivem processos educativos. Nesse sentido, distingue a imitação como “imitação prestigiosa”, ou seja:

A criança, como o adulto, imita atos que ela viu serem bem sucedidos em pessoas em quem confia e quem têm autoridade sobre ela. O ato impõe-se de fora, do alto, ainda que seja um ato exclusivamente biológico e concernente ao corpo. O indivíduo toma emprestado a série de movimentos de que ele compõe do ato executado à sua frente ou com ele pelos outros. É precisamente nesta noção de prestígio da pessoa que torna o ato ordenado, autorizado e provado, em relação ao indivíduo imitador, que se encontra todo o elemento social. No ato imitador que segue, encontram-se todo o elemento psicológico e o elemento biológico. (MAUSS, 1974, p. 215).

Nossa ideia de ação social está em consonância com o conceito de “reprodução interpretativa”⁴ (CORSARO, 1985, 2003), deste modo não a vemos como mera imitação. No entanto, a ideia da aprendizagem social que envolve o corpo, da conotação cultural que damos aos movimentos e mais especialmente os modos como as crianças os utilizam, de fato nos remetem para essa dimensão do papel do outro, do quanto a transmissão e em menor medida a inovação das manifestações corporais se faz pelas relações sociais.

Na cena apresentada, por exemplo, revelam-se ações das crianças no sentido de manutenção da ordem estabelecida e de ruptura. Inês participa de dois momentos que envolvem essas duas dimensões: um refere-se ao fato de acompanhar a Luísa e sair da mesa, algo visto como uma ação transgressora, já que uma das normas do momento da alimentação é manter-se sentado à mesa até que todos terminem. Por outro lado ela busca manter essa mesma ordem a medida que reclama quando Catarina e Maria batem com as suas colheres no prato, fazendo um barulho não admitido para esse momento.

No sentido de contextualizar o espaço-tempo da ação, passamos a uma breve contextualização dos momentos das refeições que no grupo observado foram vivenciados de

⁴ O termo “reprodução interpretativa” cunhado por Willian Corsaro (1985; 2003), refere que a criança reproduz muitas das experiências sociais que vive, seja diretamente ou mediante a observação, mas não só, ela também interpreta essas experiências e inclui elementos novos na cultura a partir da sua ação.

modos distintos nos dois diferentes anos. Quando as crianças frequentavam o grupo 0A, elas eram consideradas muito pequenas para fazerem as refeições com as demais crianças, assim utilizavam o próprio espaço da sala para a alimentação.

Essas situações eram constituídas por um pequeno lanche logo pela manhã, geralmente uma fruta, o almoço e um lanche no período da tarde. Os lanches da manhã geralmente ocorriam em roda, a educadora convidava as crianças para sentarem e lhes entregava a fruta.

Já o almoço no primeiro ano (grupo 0A) era servido na sala e as crianças eram acomodadas em diferentes cadeiras: algumas em cadeiras altas utilizadas especificamente para o momento de refeição, outras em cadeiras presas à mesa, bem como em cadeiras baixas no chão. No segundo ano (grupo 1B), as crianças passaram a frequentar o espaço do refeitório para o almoço e o lanche da tarde. A ida para o refeitório significou uma série de mudanças na postura das crianças prevista para a utilização deste espaço, mas mais do que indicar a adaptação corporal das crianças às posturas previstas para a utilização do refeitório, propomos a análise da ação das crianças nesse espaço mediante a expressividade corporal.

E é justamente isso que chama a atenção nas situações vividas por Inês, o modo como corporalmente consegue comunicar suas escolhas, manifestando seu interesse em sair daquele lugar a medida que acompanha a Luísa e o seu descontentamento com o barulho produzido pelas meninas. Mais do que ser vista e reconhecida como uma capacidade individual da Inês, nessas situações a dimensão corporal nos remete para a complexidade das relações estabelecidas entre as crianças, pois mesmo que Inês lançasse mão do corpo para manifestar seus interesses e descontentamento, esse seu empreendimento ficaria sem efeito se as crianças para quem a sua expressividade corporal se voltava não atribuíssem um sentido às suas ações.

É provável que o incômodo causado em Inês pelo barulho produzido pelas meninas não esteja centrado na busca pela manutenção da ordem, senão pelo seu próprio bem-estar. Assim como o acolhimento da sua solicitação por parte da Catarina e da Maria não deve estar vinculado à preocupação em manter a ordem no refeitório, senão atender a solicitação legível da Inês. Mas, o fato é que, ao manifestarem tais ações, as meninas revelam o seu engajamento em um dado contexto, em uma dada ordem, que elas – conscientemente ou não – ajudam a manter ou reordenar, o que está em causa então é

interpretar as manifestações corporais das crianças situadas socialmente e significadas a partir do seu ponto de vista.

Essa defesa no entanto, não desconsidera a ideia de que há uma “seleção” e “adequação” das formas corporais ao longo do processo educativo do ser humano. As crianças manifestam-se intensamente com o corpo, por exemplo, deitar-se ao chão e deslocar-se nessa posição é algo comum nas brincadeiras das crianças, mas esse movimento vai sendo progressivamente reordenado.

Essa “progressão” deve-se ao contínuo processo de conformidade que compõe a estruturação da educação institucionalizada – seja em instituições de convívio no domínio público (creches, pré-escolas, escolas...) ou privado (família) – na qual podemos perceber uma tendência a padronização dos corpos e as suas formas de manifestação, que tem em algumas situações uma elevada expressão, como nas situações de alimentação.

No entanto, devemos tomar em conta as manifestações das crianças nesses contextos de conformação, como uma forma de ação em um determinado espaço-tempo de vida, como é a creche. Vejamos, por exemplo, o movimento de Inês em negação ao alimento que lhe é oferecido: a menina tem consciência que não o quer provar, ela utiliza-se do corpo como forma de negação, ela põe a mão em frente ao rosto e afasta o seu corpo e diante da insistência ela devolve o alimento e chora. Essa sua manifestação pode ser interpretada como resistência, o que de fato é, mas o que mobiliza a Inês a manifestar-se de tal modo é a sua consciência de que não quer provar a gelatina e de que pode expressar-se nesse sentido.

Em uma abordagem macrosocial e longitudinal, Norbert Elias (1989, 1990) analisa o processo civilizacional na idade média e nos mecanismos de feudalização, indicando mediante uma vasta análise documental das relações sociais, dos modos de coacção e autocoacção, o quanto as pessoas individualmente foram modelando-se socialmente. Elias (1990) põe em relação a regulação externa e a regulação do próprio indivíduo.

Nessa lógica do tornar-se “civilizado” as orientações de comportamento desde a sociedade feudal incidiam sobre o corpo, o modo de se portar, a postura em alguns ambientes e situações tornaram-se importantes elementos de intervenção. Elias (1989) apresenta exemplos do comportamento à mesa e diz que as mudanças que um observador do século XX supõe que sejam decorrentes de “razões higiênicas”, ou seja, “motivações racionais”, estão num plano muito apagado se comparadas com outras. Para o sociólogo “[...] são as motivações sociais que tem de longe a primazia. O que importa é que o

comportamento esteja de acordo com os modelos dos círculos que dão o tom” [...] (ELIAS, 1989, p. 159).

Na creche, a postura a ser assumida em determinados contextos também segue normas já estabelecidas para a manutenção da ordem e de acordo com critérios definidos por quem dá o “tom”. Isso é perceptível a medida que acompanhamos a inserção das crianças no refeitório, já que para frequentá-lo elas receberam várias orientações e são constantemente monitoradas para que as sigam. Algumas normas do refeitório são, por exemplo, não levantar até que todas tenham terminado a refeição e sejam convidadas para ir para a sala, não brincar com o alimento ou os utensílios utilizados na refeição, comer toda a comida servida. A monitoração e cobrança em torno do cumprimento das normas variam bastante de acordo com a postura de cada adulto que as acompanha ao refeitório, no caso a educadora e a auxiliar de cada grupo, que unem-se a outras profissionais responsáveis por outros grupos e como partilham o mesmo espaço-tempo nas refeições acabam por intervir em algumas situações.

A relação ação-estrutura é bastante demarcada em determinados espaços e tempos do cotidiano, nos quais frente a uma única estrutura: com aparatos físicos, horários, normas compõem-se variadas ações marcadas por subjetividades, mesmo em situações onde há uma tendência a sobreposição da estrutura à ação, como é o caso dos momentos da refeição.

O corpo, nessas situações, acaba por ser concebido como algo estático, a ser educado e formatado de acordo com determinadas situações, ideia que foi sendo construída ao longo da história. Para Elias (1989, 1990) o corpo foi tornando-se algo que despertava pouco interesse, as pessoas “acostumaram-se” com o corpo (GHIRALDELLI JR., 2005). Já Foucault (1987) não indica desinteresse pelo corpo na modernidade, o autor refere que durante a época clássica houve a descoberta do corpo como objeto e alvo do poder; poder este que visava um corpo dócil mediante métodos identificados como “as disciplinas”:

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos económicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a relação de sujeição estrita. Se a exploração económica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção

disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada. (FOUCAULT, 1987, p. 127).

Ao longo dos tempos, o modo como a submissão dos corpos foi sendo fabricada, para usar um termo foucaultiano, alterou as concepções e práticas em torno das punições e da liberdade dos corpos, mas para o autor isso não chega a caracterizar um desinteresse pelo corpo na modernidade, como indica Elias, o que nos leva a considerar que a ideia do processo de disciplina designado por Foucault como “mecânica do poder” deve ser levada em conta tendo em vista o quanto presente está essa manifestação corporal no humano, o quanto o corpo é uma das principais – se não a principal – unidade comunicacional e relacional com o mundo social e natural.

Turner (1996, p. 65) afirma que a sociedade moderna inaugura a separação entre o espaço público e privado. O espaço privado, segundo o autor, caracteriza-se pela intimidade e emotividade da família que existe para a manutenção do corpo, nomeadamente, para a produção das crianças, para a socialização e para a manutenção da força de trabalho.

Correlacionando às esferas pública e privada, Turner (1996, p. 66) defende que há um claro contraste entre a formalidade, o impersonalismo, neutralidade e universalismo do trabalho no espaço público e a informalidade, particularismo e afetividade do espaço privado. O autor ainda afirma haver uma divisão por gênero em relação ao trabalho nas diferentes esferas e em relação as dimensões das paixões (privado) e das razões (público). Como esses aspectos aparecem na relação entre as crianças no espaço público da creche? Embora a lógica que impera nos espaços públicos, de acordo com Turner (1996), seja a do impersonalismo, como esta dimensão é vivenciada pelos atores que frequentam cotidianamente este espaço?

Embora possamos observar posicionamentos variados, bem como abordagens variadas em torno da compreensão do corpo na sociedade moderna, o fato do corpo e suas manifestações serem parte de processos de aprendizagens sociais e culturais (ELIAS, 1989, 1990; FOULCAUT, 1987; MAUSS, 1974; TURNER, 1996) e se na criança a sua expressão parece-nos levada ao máximo de sua potencialidade, vemo-nos então frente a um paradoxo: as crianças bem pequenas que aprendem a comunicarem-se com o corpo de modo dinâmico e diverso logo serão convidadas – sobretudo pelas instituições de convívio coletivo - a ressignificar essa linguagem na busca por um corpo dócil ou ainda de um corpo

“invisibilizado”? Qual o papel das instituições de educação nessa relação paradoxal e dual entre a expressividade e a conformidade? O que nos revelam as crianças em torno da sua expressividade pelo corpo?

Na sequência dessas questões e da ideia do impersonalismo, cabe apresentar uma afirmação de José Gil (1997): para o autor o contexto reduz a polissemia dos gestos. Essa ideia incide na relação ação-estrutura, referindo que a estrutura interfere na ação e mais, que a reduz quando essa é manifesta pelo gesto.

Ao observar a ação das crianças manifesta pelo corpo podemos inferir que há a interferência do contexto na sua expressividade o que pode significar a presença de alguns constrangimentos. Mas ao mesmo tempo, a ação das crianças a partir deste dado contexto revela uma larga capacidade de intervenção, já que a estrutura não formata a ação a ponto de engessá-la, mas oferece-lhe material e simbolicamente elementos estruturadores e estruturantes.

Ainda que autores como Guattari (1987) reconheçam a creche como um espaço de iniciação, uma instituição que visa incutir as semióticas dominantes do mundo capitalista, não podemos deixar de reconhecer que há uma ação por parte das crianças, bastante revelada em sua corporalidade, assim como dos adultos que estão nesse contexto, que estruturam-se agindo, inclusive, de modo a transformar essa lógica “adaptativa”, bastante presente nos processos educativos. Compreendemos que essa questão é central no sentido de instaurar outras lógicas de percepção do corpo nos processos de socialização dos humanos, já que “o corpo é o lugar de soberania do sujeito, é a primeira matéria da sua ligação com o mundo” (LE BRETON, 2004, p. 16).

3 CONSIDERAÇÕES À TÍTULO DE CONCLUSÃO DESTA REFLEXÃO

Como anunciamos na introdução, nosso foco de discussão é a ação social dos bebês no contexto da creche, tomando por base a discussão em torno do corpo. Essa abordagem do corpo a partir da ação dos bebês partiu, como propõe Goffman, da sua compreensão enquanto componente da ação social e, a partir da investigação realizada, revela-se como um componente central quando situamos a ação social na infância.

A partir da análise da ação social dos bebês abordamos o corpo enquanto constituidor da ação, que é delimitado pela estrutura, mas que, sobretudo, mediante a ação

a transforma, portanto, consideramos as abordagens que indicam os processos de disciplinarização presentes na sociedade, mas nossa perspectiva de análise tomamos o corpo como estruturado (pelas) e estruturador (das) ações sociais das crianças engendradas social e culturalmente, ou seja, como importante elemento de comunicação e ação social.

Reconhecer o corpo como componente importante da ação social nos permite reconhecer que os bebês são atores sociais competentes, tendo em vista que o corpo é para eles não só meio de comunicação, mas, sobretudo, uma forma de ser e estar no mundo, de colocar-se em relação com o outro e produzir cultura.

REFERÊNCIAS

CHRISTENSEN, Pia. (2000). Childhood and the cultural constitution of vulnerable bodies. In: Alan Prout (ed.). **The Body and Society**. New York: St. Martin's Press, p. 38-59.

CORSARO, William A. (1985). **Friendship and peer culture in the early years**. USA: Ablex.

_____. (2003). **Le culture dei bambini**. Bologna: Mulino.

FOUCAULT, Michel. (1987). **Vigiar e Punir. Nascimento da prisão**. 13^o ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes.

GHIRALDELLI Jr., Paulo. (2005). **Foucault: corpo e modernidade**. Disponível em: www.ghirdelli.pro.br Acesso em: 04/02/2010.

GIL, José. (1997). **Metamorfoses do corpo**. 2^a ed. Lisboa: Relógio d'Água.

GOFFMAN, Erving. (1982). **Estigma: Notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar.

GUATTARI, Felix. (1987). As creches e a iniciação. In: **Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo**. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, p. 50-55.

HUTCHBY, I. & MORAN-ELLIS, J. (1998). **Children and social competence: arenas of action**. Londres: Falmer Press.

LE BRETON, David. (2004). **Sinais de identidade**. Tatuagens, piercings e outras marcas corporais. Tradução de Tereza Frazão. Lisboa: Miosótis.

MAUSS, Marcel. (1974). Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: Marcel Mauss. **Sociologia e Antropologia**. (Vol. II). Traduzido por Lamberto Puccinelli. São Paulo: EPU: EDUSP, p. 37-184.

NEYRAND, Gérard. (2005). Une histoire de l'enfance et de l'enfant du XVIII siècle à nos jours. In: Marcela Palacios. **Enfants, sexe innocent? Soupçons et tabous**, p. 8-20.

PROUT, Alan. (2000). Childhood Bodies: construction, agency and hybridity. In: Alan Prout (ed.). **The Body and Society**. New York: St. Martin's Press, p. 1-18.

_____. (2004). **Reconsiderar a Nova Sociologia da Infância**: para um estudo interdisciplinar das crianças. Ciclo de Conferências em Sociologia da Infância 2003/2004, Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho.

_____. (2008). Culture-Nature and the construction of childhood. In: DROTNER, Kirsten Drotner; LIVINGSTONE, Sonia (eds). **The international handbook of children, media and culture**. London: Sage Publications, p. 21-35.

TURNER, Bryan S. (1996). **The Body and Society**. Explorations in social theory. 2ª ed. Londres: Sage.

WEBER, Max. (1921/ 1991). **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Editora da UNB.

RECEBIDO EM 15 DE FEVEREIRO DE 2011.

APROVADO EM 20 DE MARÇO DE 2011.